

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

## ÊSSE NEGÓCIO DE SALÁRIOS

Os sapateiros fizeram uma greve e tiveram, por decisão do Tribunal Regional do Trabalho, um aumento de 85 por cento. Voltaram ao trabalho, mas recorreram da decisão, pois consideram o aumento insuficiente, em vista da alta do custo da vida desde a época da fixação dos atuais salários. Isto quer dizer: êsses homens não estão, na verdade, pleiteando aumento algum; lutam apenas para manter o mesmo salário real que tinham antes; querem receber o dinheiro suficiente para comprar o mesmo arroz e o mesmo pão. Para isso foram à greve, e muitos deles foram molestados pela Polícia, que parece ainda não reconhecer o direito de greve. Reconheceu-o o Tribunal de Trabalho, que resolveu reajustar os salários, embora de maneira insuficiente. Quero lembrar que a bisnaga de pão, que em abril custava Cr\$ 24, está custando agora Cr\$ 56.

Pois bem. Qual a reação dos patrões? Os industriais cariocas manifestaram ontem seu desagrado "por ocorrer na Guanabara o primeiro movimento partidista depois da Revolução" e também se queixaram que o aumento "ultrapassasse os tetos fixados pela política deflacionária". Queixam-se da Revolução, que permitiu uma greve, e do aumento dos salários, que acham forte demais.

Esta é a nossa melancólica mentalidade patronal. Para ela a Revolução foi feita para acabar com greves e reivindicações operárias. E a luta contra a inflação deve começar pelo esfomeamento dos trabalhadores. Foi aproveitando a onda da Revolução que a ultramilionária Refinaria de Capuava (empresa em que a mão-de-obra não vai a mais de 5 por cento do custo da produção) negou-se a cumprir o aumento aprovado oficialmente e vai ganhando tempo; quando tiver de pagar, pagará em moeda mais inflacionada. Já não precisa gastar bilhões (eu disse: bilhões) para comprar a continuação por um certo prazo de sua concessão miraculosa; e ainda economiza à custa da miséria de seus trabalhadores.

Nos primeiros dias da Revolução e ainda sob a impressão do perigo a que escapara, a classe patronal chegou a admitir dedicar uma parcela de seus lucros ao benefício da coletividade; mas assim que se sentiu segura apertou os ferrolhos da burra e da alma.

Eu mesmo trabalho há muitos anos em uma empresa. Pedi há pouco tempo um aumento, alegando que o custo de vida aumentara e ainda que pessoas que fazem o mesmo serviço que eu estavam ganhando mais. Minha carta não teve resposta; meus patrões ficaram zangados! Ganho o mesmo que ganhava quando pagava a Cr\$ 43 o litro de gasolina do meu carrinho, que hoje custa Cr\$ 160, e a Cr\$ 250 o maço de cigarros que hoje custa Cr\$ 400. Ganho, portanto, efetivamente, muito menos do que ganhava; e ainda fiquei malvisto porque pedi um aumento!

Meu caso não tem importância; estou gordo até demais, e não vou morrer de fome. Mas para um operário essa política patronal significa o esfomeamento seu e de sua família; ele passa da pobreza para a miséria. O pão-durismo e a mesquinharria daqueles meus patrões, cada vez mais prósperos, me dão uma melancolia quase divertida, principalmente quando os vejo a arrotar benemerências e espírito cívico. Eles fingirão não ter lido isto que ora escrevo e resistirão à idéia de me despedir, porque tenho mais de dez anos de casa e isso lhes custaria bom dinheiro. Ah, talvez sonhem com outra revolução para aperfeiçoar esta, e acabar com essa bobagem de direitos trabalhistas que impedem o progresso normal das empresas e a tranqüilidade dos homens da sagrada iniciativa privada, que promovem o progresso do Brasil etc. etc. Acredito que eles sejam sinceros; e mesmo que se julguem pessoalmente pessoas honradas e de bom coração. Chego a admirá-los por isso.

Mas eu não sou um operário. Aos operários é um pouco mais difícil, quando o pão em 8 meses tem um aumento de 133 por cento — é bem um pouco mais difícil "explicar a Revolução"...

NS/MM/21  
(-20)

148